

**CONVIVENDO NO QUILOMBO DE MITUAÇU (PB):
DE UMA COLEÇÃO ETNOBOTÂNICA A UMA COLEÇÃO DE HISTÓRIAS**

**COEXISTING IN THE QUILOMBO OF MITUAÇU (PB):
FROM AN ETHNOBOTANICAL COLLECTION TO A COLLECTION OF STORIES**

Aina Azevedo¹
Aline Paixão²
Patrícia Pinheiro³

RESUMO

A vivência e convivialidade no quilombo de Mítuaçu (Conde, Paraíba) – uma comunidade afrodescendente que se autorreconhece como remanescente de comunidade de quilombo – são afetadas por diversas metamorfoses: o processo colonial e as alterações provocadas pela poluição do rio Gramame, até o ciclo de vida das plantas, dos caranguejos e outros seres que habitam a região. Aqui, partimos da trajetória de conhecimentos quilombolas desenvolvida com as plantas e os animais para desenvolvermos uma “coleção de histórias”, que nos mostram como as espécies estão relacionadas (Merian, 1705) e como a biodiversidade é cultivada criativamente (Tsing, 2019) e valorizada na busca de um bem viver nesses territórios ao longo do tempo. Feita de desenhos, bordados, fotografias e registros audiovisuais, essa coleção tem início com um passeio pelo quintal de Dona Beré (uma de nossas interlocutoras) e é costurada pelos caminhos percorridos por um caranguejo metodológico (inspirado nos seres ctônicos de Haraway 2016a).

Palavras-chave: Remanescente de comunidade de quilombo. Conhecimento quilombola. Convivialidade. Biodiversidade. Multiespécies.

ABSTRACT

The living and conviviality are affected by several metamorphoses in Mítuaçu (Conde, Paraíba) – an afro descent community which recognize itself as *remnants of quilombo communities* – is affected by several metamorphoses: the colonial process and the changes caused by the pollution of the Gramame river, until the cycle of life of plants, crabs and other beings that inhabit the region. Here, we depart from the trajectory of quilombola knowledge developed with plants and animals to develop a “collection of stories”, which show us how species are related (Merian, 1705) and how biodiversity is creatively cultivated (Tsing, 2019) and valued in the search for a well living in these territories over time. Made up of drawings, embroidery, photographs and audiovisual recordings, this collection begins with a walk through the backyard of Dona Beré (one of our interlocutors) and is sewn by the paths traveled by a methodological crab (inspired by the chthonic beings from Haraway 2016a).

Keywords: Remnants of quilombo communities. Quilombola’s knowledge. Conviviality. Biodiversity. Multispecies.

Recebido em: 31 de março de 2022

Aceito em: 17 de junho de 2022

¹ Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

² Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

³ Instituto Escolhas e Universidade Federal da Paraíba, Brasil.



Ninguém vive em todas as partes;
todo mundo vive em algum lugar.
Nada está conectado a tudo;
tudo está conectado a algo.
Donna Haraway, *Staying with the trouble*
[tradução nossa]⁴

Como reunir tudo isso em uma coleção?

Coletar, colecionar, não são verbos fáceis. Eles rimam com classificar e catalogar, outras vezes, com colonizar e roubar. Para evitar essas associações, a ideia de fazer uma coleção etnobotânica das plantas de Mituaçu surgiu em um processo de longa duração: o projeto de extensão “Histórias de quilombo”⁵, que existe desde 2016 e no ano seguinte passou a atuar junto à comunidade quilombola de Mituaçu, no município do Conde, litoral sul da Paraíba. Não se tratava de ir à comunidade, pegar as plantas e não mais voltar, tampouco de falar em “resgate” dos conhecimentos outrora mais intensos, mas sim de levar e trazer os materiais de uma coleção em permanente produção. Coletávamos folhas, ramos, sementes junto com as crianças da escola Ovídio. Levávamos de volta exsiccatas⁶ com as quais as crianças produziam desenhos e colagens, agregando informações colhidas entre seus parentes sobre seus usos e propriedades curativas. Juntos, fizemos desenhos e tintas com plantas, terra, sementes, algodão e açafraão em pó.

Com o passar do tempo, fomos reformulando nossa presença e para isso contamos com metodologias compartilhadas que permitiam construções coletivas e instigavam reflexividades

⁴ No original: “Nobody lives everywhere; everybody lives somewhere. Nothing is connected to everything; everything is connected to something.” (Haraway, 2016a: 14).

⁵ Vincula-se também ao projeto “Práticas e conhecimentos quilombolas na Paraíba e no Rio Grande do Sul: experimentações de extensão, ensino e pesquisa etnográfica com materiais sensíveis”, viabilizado pelo Edital universal do CNPq (2018). O projeto foi executado especialmente em parceria com a escola Ovídio Tavares de Moraes e as atividades percorreram turmas de crianças do 5º ano do ensino fundamental e de jovens e adultos (EJA).

⁶ Consiste na desidratação de uma amostra completa (folhas, flores e raízes) de uma determinada espécie de planta, na sequência o exemplar é anexado em um papel cartão juntamente com uma ficha informativa.

e perspectivas quilombolas, como a produção de tintas naturais e sabonetes com elementos vegetais da comunidade. O objetivo nunca foi apenas descrever o conhecimento quilombola sobre as plantas, mas criar momentos para compartilhar o conhecimento de forma criativa, dando atenção a processos e contextos e não somente a produtos.



Imagem 1 - Desenho de uma aroeira durante a oficina de pintura com a turma do 5º ano, feito pela estudante Ingrid, 2018.

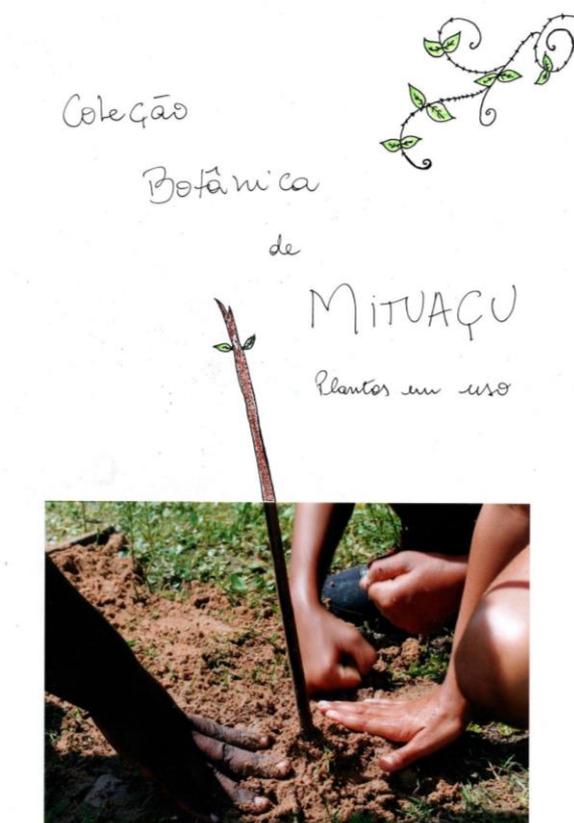


Imagem 2: Capa da Coleção Etnobotânica. Montagem com fotografia e desenho de Patrícia Pinheiro e Thayonara Santos, 2018.

Durante o início da pandemia de Covid-19 em 2020, readequamos as atividades e ações do projeto “Histórias de quilombo”, que passaram a se voltar para o combate da pandemia por meio de campanhas informativas e projetos que viabilizavam a arrecadação e distribuição de itens essenciais, além de procurarmos manter os laços de afetividade com a comunidade (Azevedo; Paixão; Pinheiro, 2022, *no prelo*). Também seguimos nos reunindo para fazer leituras, organizar e analisar o banco de dados audiovisual do projeto, quando foi possível rever lugares e relatos de pessoas que não pudemos encontrar em 2020 e tampouco em 2021.

Ao visitarmos um registro audiovisual de Dona Beré — uma das anciãs da comunidade, falecida em 2019 —, a encontramos em sua cadeira de balanço na varanda, ouvimos sua história de vida e passeamos com ela pelo seu quintal repleto de plantas medicinais. Depois somos levadas ao sítio: uma área nos fundos de sua casa, cheia de árvores frutíferas plantadas por ela. Em meio a esse passeio e essas conversas – Dona Beré era também pescadora, além de

agricultora –, ouvimos histórias de pescaria e do rio Gramame que, assim como o rio Jacoca, circundam Mituaçu⁷.



Imagem 3: Dona Beré e suas plantas. Desenho de Aina Azevedo, 2020.

⁷ Em tupi-guarani, Gramame significa povoado na margem do rio. Por sua vez, Mituaçu é uma “combinação de duas palavras, *mutum* que significa um tipo de pássaro e *açu* que significa grande, logo *mutum* + *açu* significa um tipo de pássaro grande.” (Paixão, 2014: 23). Já Jacoca - que foi também o nome da Aldeia que deu origem ao município do Conde, formada por indígenas Tabajara - têm diferentes interpretações, segundo a prefeitura municipal do Conde (em <https://www.conde.pb.gov.br/portal/a-cidade/historia>, acesso em 20 de janeiro de 2022). Uma remete à expressão *ichea* – *koka*, que teria significado de “abraça-me”, outra seria que a palavra *jacuoca* significa morada dos “jacus”.

Notamos que as plantas de nossa coleção etnobotânica eram como um portal para diversas práticas — medicinais, alimentares e protetivas — e também para o conhecimento das paisagens e das relações de convivência humanas e não humanas presentes em Mituaçu. Assim, para pensar a coleção de uma forma mais ampla, além de Dona Beré e suas histórias, inspiramos na pintora naturalista Maria Sibylla Merian e na antropóloga Anna Tsing. Entre os séculos XVII e XVIII, Merian (1705) desenhava o ciclo de vida dos insetos, suas metamorfoses e as possibilidades expressivas que daí decorriam — ao contrário dos registros em que espécimes eram retiradas do contexto para fins comparativos —, nos ensinando sobre as conexões existentes na natureza, na vida. Em suas pesquisas com cogumelos matsutake, Tsing (2019: 24) nos instiga a não apenas catalogar a diversidade e sim “narrar histórias em que a diversidade emerge — isto é, admitir suas formas animadas e, portanto, contaminadas.”

Plantas do mato, não domesticadas, como a cebola de xém-xém, curam picada de cobra e participam de mitos locais. Há também plantas domesticadas que ficam na entrada da casa para trazer proteção; outras precisam ser protegidas das galinhas “arengueiras” (ou seja, que brigam muito) ou de cachorros mais audaciosos. Algumas plantas falam das relações entre parentes e vizinhos, pois suas mudas circulam como presentes, sejam elas plantas que trazem proteção ou que servem de alimento, como a maniva da macaxeira, trocada em busca de cruzamentos fecundos para a produção da melhor farinha. Árvores frutíferas, como as mangueiras, contam histórias de devastação fúngica que marcaram o tempo. Um tempo que também se torna visível pela altura dos coqueiros e copa das jaqueiras. Canoas cheias de peixes podem indicar, ao invés de fartura, a morte em decorrência da poluição do rio. Uma visita ao roçado é uma ocasião em que se encontram os frutos da terra, mas também capivaras e caranguejos.

A vivência e convivialidade no quilombo de Mituaçu é afetada por diversas metamorfoses, que vão desde as transformações decorrentes do crescimento urbano e as alterações provocadas pela poluição do rio Gramame (Pinheiro; Paixão, 2019) até o ciclo de vida das plantas, das pessoas, dos caranguejos e outros seres que habitam a região. Essas relações com a biodiversidade também são comuns a outras comunidades quilombolas e indígenas que convivem no sul da Paraíba.

Como reunir tudo isso em uma coleção? Como excluir certas coisas que nos pareciam tão próximas, embora pertencentes a diferentes reinos? Umas eram histórias de vida, outras

mitos da comunidade; umas eram plantas, outras eram peixes e caranguejos; umas eram histórias da terra e seus roçados, outras eram histórias do rio e do mangue.

Com o desafio de contemplar essas relações, partimos de uma coleção etnobotânica à uma coleção de histórias de convivência no quilombo de Mituaçu, contada por meio de desenhos, bordados, fotografias, montagens e folhas secas, que apresentamos neste artigo e que também farão parte da cartilha “Plantas que têm história: Mituaçu” (Pinheiro et al., 2022)⁸. Ao longo desse processo, tivemos a contribuição de cada integrante que está ou esteve no projeto de extensão “Histórias de Quilombo”: Aina Azevedo, Aline Paixão, Ana Julia Guimarães dos Santos, Beatriz Gusmão, Elayne Felix, Gabriela Novaes, Luciana Chianca, Patrícia Pinheiro e Thayonara Santos. Contamos sempre com o olhar atento de Aline Paixão, uma das autoras deste artigo, para nos esclarecer certas histórias, seja por meio de seus trabalhos acadêmicos como antropóloga ou por suas relações de parentesco com as pessoas de Mituaçu.

Procuramos dar protagonismo a materiais interativos voltados para uma aprendizagem situada (Lave, 2015) e que relacionem convivialidade, diferença e reconhecimento. E assim o desenho, o bordado e a costura têm sido revelados não como meios para documentação que jaz em gavetas secretas (Azevedo, 2016) mas ainda enquanto caminhos que permitem reativar relações multiespécies (Tsing, 2015) dentro da comunidade a partir de diferentes perspectivas. Assim, com as plantas e suas funcionalidades, características e as interações sociais que as rodeiam são também traçadas outras superfícies, nas quais as experiências interpretadas no papel ou no tecido realizam um fazer-interpretativo que vai além da busca por representações verossímeis do que é observado. São esses caminhos que serão apresentados neste artigo.

Na companhia do caranguejo metodológico

Por meio dos fios que unem algumas ideias, pessoas, plantas, animais e imagens, vemos surgir o desenho de uma aranha, de um cupim, de um polvo, ou melhor, de um caranguejo. Suas patas assimétricas nos dizem que todas as relações que o estão formando são importantes, mas que umas são maiores ou mais fortes que as outras — quais seriam elas aqui, é o que talvez a

⁸ Vale salientar que este trabalho teve a sua primeira versão apresentada no pré-evento da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia e que a maior parte das imagens que o compõem estão disponíveis no site da Exposição Virtual Antropoéticas (Azevedo et al., 2020).

gente descubra, se quisermos. Mas pensamos que podemos fazer o que diz Bateson (1986: 17) e, simplesmente, ignorar uma diferença de tamanho para dar preferência à analogia formal entre as patinhas e as patolas. Desse ponto de vista, independente do tamanho das patas, há simetria: cinco para um lado, cinco para o outro. Isso significa que todas as relações terão um lugar importante na forma desenhada do nosso caranguejo metodológico. Seu corpo “ovado” — assumindo que seja uma fêmea e que ela está “grávida” — é onde serão gestadas as novas ideias⁹.

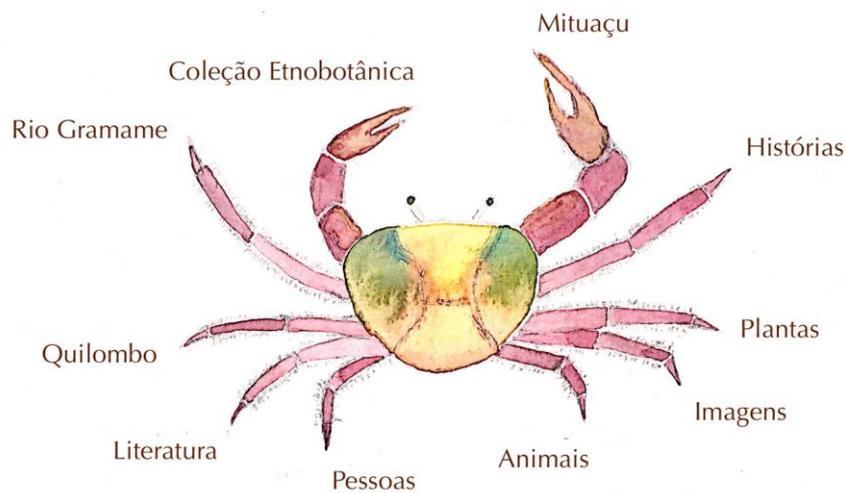


Imagem 4: Caranguejo metodológico. Desenho de Aina Azevedo, 2020.

Os caranguejos são seres parcialmente ctônicos, no sentido dado por Haraway (2016a). Preferem passar um tempo de suas vidas em espaços fechados, subterrâneos, escuros e úmidos, habitando buracos na terra perto dos manguezais. Ali dentro, esses seres perdem as suas estruturas e ficam moles, quando trocam suas carapaças e se metamorfoseiam em versões

⁹ Quando o caranguejo fêmea traz ovos em seu abdome, é chamado de caranguejo “ovado” na região onde se situa a comunidade quilombola de Mituaçu, foco deste artigo. Em outros lugares, a fêmea com ovos recebe, por exemplo, o nome de “patachoca” (Silveira; Buti, 2020).

maiores de si mesmos. Entram ali de um jeito e saem de outro, como se o buraco na terra fosse o seu casulo, a sua composteira, o seu lugar de transformação, de compor com outros modos de ser¹⁰.

Mas, como dissemos, os caranguejos são só parcialmente ctônicos, pois também saem de suas casas terrâneas e passeiam muito. Afastam-se das proximidades do mangue para se alimentarem em lugares nada alagados como os roçados, onde comem folhas, macaxeira e outros frutos da terra. Os caranguejos fazem relações com muitos ambientes diferentes, precisam da diferença e são em si mesmos diferentes. Nas palavras de Silveira e Buti (2020: 120), os caranguejos “(...) não são exatamente animais terrestres nem aquáticos, não vivem exatamente no mangue ou na floresta.”

Os caranguejos habitam as margens indomáveis do capitalismo, no sentido dado por Tsing (2015): esses lugares em que a vida prolifera em sua biodiversidade de seres e formas sociais. Chamam-se margens os limites do mundo em que a igualdade se faz ausente. Entre uma natureza morta e outra, entre uma monocultura e outra, uma *plantation* e outra, há pequenas descontinuidades, pequenos refúgios de modos de vida diversos.

A imagem do caranguejo que se esconde e se move, que anda perto dos mangues e das roças, que é diferente e vive da diferença, nos leva a contar outras relações de convivência na paisagem em que ele habita no litoral sul da Paraíba. Essa paisagem não está na beira da praia. Mas um rio que passa por ali e deságua no mar, traz relações salobras ao lugar devido à maré que o movimentam. Nas margens-manguezais dos rios Gramame e Jacoca, entre doce e salgado, vivem peixes, camarões, caranguejos, e até mesmo os assustadores jacarés e as simpáticas capivaras.

¹⁰ Seres ctônicos são seres que vivem dentro da terra. Para Haraway. “Chthonic ones are beings of the earth, both ancient and up-to-the-minute. I imagine chthonic ones as replete with tentacles, feelers, digits, cords, whiptails, spider legs, and very unruly hair. Chthonic ones romp in multicritter humus but have no truck with sky-gazing Homo. Chthonic ones are monsters in the best sense; they demonstrate and perform the material meaningfulness of earth processes and critters. They also demonstrate and perform consequences. Chthonic ones are not safe; they have no truck with ideologues; they belong to no one; they writhe and luxuriate in manifold forms and manifold names in all the airs, waters, and places of earth. They make and unmake; they are made and unmade. They are who are.” (Haraway, 2016a: 04)



Imagem 5: Paisagem multiespécies de Mituaçu. Desenho de Aina Azevedo, 2020.

Essa paisagem geográfica, cujos contornos remetem às curvas do rio Gramame e também do rio Jacoca, é uma paisagem igualmente mítica e sócio-histórica. Ali, há muito tempo, existe Mituaçu, um território quilombola. Recordando a história do lugar, Dona Maria Aparecida, uma das anciãs da comunidade, nos fala sobre os limites e conexões da paisagem:

Mituaçu não tinha nada, não. Não tinha nem caminho, chamava-se vereda. Até hoje você vê que esse lugar da gente tem entrada mas não tem saída, porque a saída daqui é pelo rio, se quiser. Dizem que, no começo, as barcaças vinham por aí dos povos que viajavam pelo mar, porque nós não temos o rio Gramame e ele não é um braço de mar? Então, as barcas vinham por aí, eles iam pelo mar e subiam no braço do rio Gramame e vinham parar aqui. (Informação áudio visual, 2018).

O rio Gramame, esse braço de mar tentacular, é por onde se entrava em Mituaçu antigamente; hoje, é como se o rio fosse a saída, já que a entrada que nos leva à Mituaçu, desde João Pessoa, termina ali. Ou melhor, a estrada deveria continuar trafegável até Jacumã —

localidade litorânea central do município do Conde, onde Mituaçu está situada —, mas isso não acontece. É como se Mituaçu fosse uma toca, o refúgio de um caranguejo, com entrada, mas sem saída, onde é possível “entapar-se”¹¹ e compor-compostar diversas relações. Mas na verdade, como disse Dona Maria Aparecida, se você quiser — se você for peixe ou barco —, Mituaçu tem entrada e tem saída, sim, pelas águas do rio. O Gramame é fluxo, é maré e é mudança.

As águas do rio Gramame, no entanto, não trazem somente mudanças boas com suas marés, e isso não é de hoje. Há muito tempo, suas águas são contaminadas pelas indústrias que, criminosamente, despejam substâncias mortais no leito do rio. Dona Beré, antiga moradora de Mituaçu já falecida e mencionada anteriormente, contou que aprendeu a pescar com sua mãe e que uma vez encheu a sua canoa de peixes mortos em função dos resíduos despejados no rio Gramame, popularmente denominado pelos moradores como "calda".

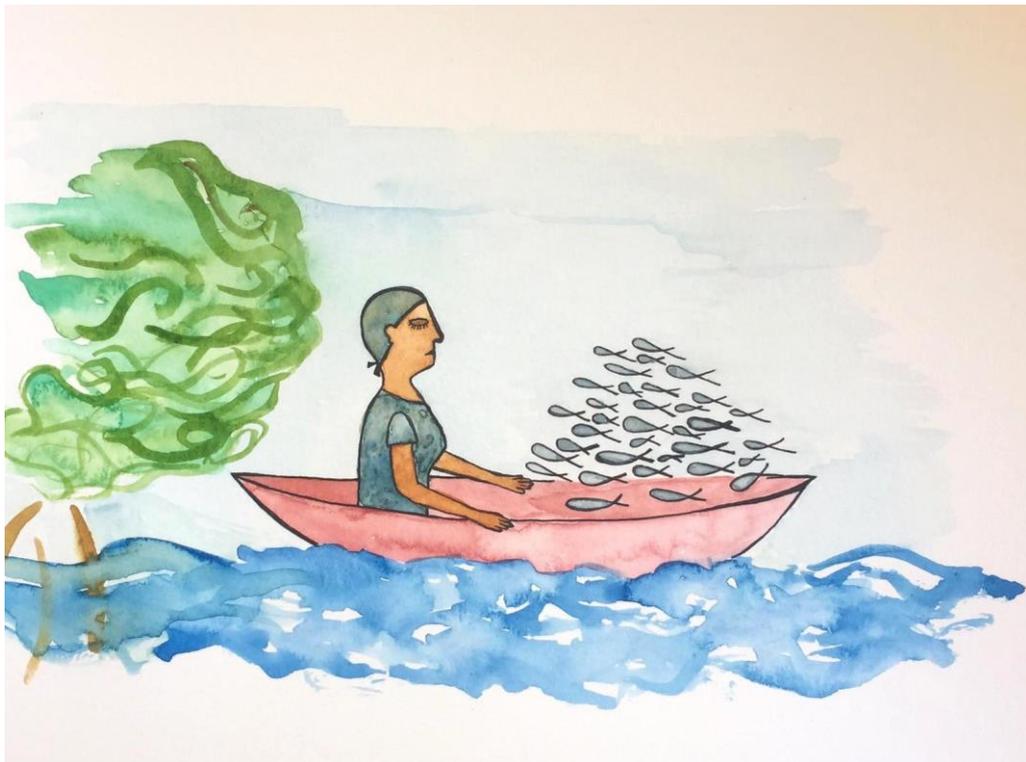


Imagem 6: Canoa de Dona Beré cheia de peixes mortos. Desenho de Aina Azevedo, 2020.

Nos anos de 2018 e 2019, outros ataques, igualmente mortais, foram provocados pelos crimes ambientais de despejo de soda cáustica e resíduos de papelão nas águas do Gramame

¹¹ Em Mituaçu, o verbo que designa a entrada do caranguejo no buraco para mudança do exoesqueleto é “entapar”.

(Pinheiro; Paixão, 2019). A morte do rio vem sendo administrada há muito tempo e a vida aquática, aos poucos, vai desaparecendo. Essa morte, que não tem nada a ver com o ciclo natural da vida, é chamada por Rose (2011: 82) de “man-made mass death”: uma morte em massa promovida com exclusividade pelos humanos que assassinam as possibilidades de continuação da existência¹².

As pessoas de Mituaçu temem pela morte do seu rio, pois como os caranguejos, são seres terrestres e também aquáticos, apreciam o lado molhado de sua paisagem. São pescadores e pescadoras. Gostam dos frutos do rio-mar, gostam do mangue e de tomar banho de rio. Apesar de todas essas bem-vindas atividades, moradores e moradoras de Mituaçu vivem também uma contradição: sem as indústrias que poluem o rio, muitas pessoas perderiam seus empregos, fundamentais para suas existências, como o é o próprio rio.

Por outro lado, como seres terrâneos, também são agricultores, agricultoras e cultivam os frutos da terra. Mulheres e homens, além de pescar, também sabem revolver a terra e nela semear roçados de macaxeira, inhame, milho, feijão, cará e batata. Gostam de plantar árvores frutíferas nos sítios. As mulheres, em especial, cultivam muitas plantas medicinais nos seus quintais.

¹² Essa é uma das marcas do Antropoceno, era da extinção em massa, ao contrário da era geológica que o precedeu, conhecida como Holoceno, em que a perturbação humana lenta deu origem a ecossistemas antropogênicos diversos (Tsing, 2019: 23).



Imagem 7: Macaxeira. Bordado de Gabriela Novaes, 2020.

Nos roçados, os caranguejos só aparecem de vez em quando para se alimentar, mas não são pragas, como em outros lugares, capazes de devorar a plantação. Quem oferece perigo aos roçados, são as capivaras que, por isso, não são nada bem-vindas. Formigas ou outros insetos pequenos também. Mas o que prevalece quando se trata da devastação das plantas é a história do tempo das mangueiras. Um tempo em que Mituaçu foi invadida por um fungo conhecido como “mau do Recife” que matou as inúmeras árvores dessa espécie. Antes disso, “tinha tanta mangueira em Mituaçu que chega era escuro”, contou Dona Beré (informação áudio visual, 2018). Apesar de não ter a mesma abundância, ainda é possível encontrar muitas árvores frutíferas na comunidade, resultantes, em sua maioria, dos plantios iniciados após o período mais crítico da doença.



Imagem 8: O choro das mangueiras. Desenho de Aina Azevedo, 2020.

As árvores na paisagem contam muitas histórias, como essa de morte, mas também histórias de muita vida. Nas palavras de Aline Paixão: “É muito comum as pessoas mostrarem marcos como jaqueiras, mangueiras, cajueiros, e pés de cocos para denotar o tempo de ocupação de seus ascendentes na região.” (Paixão, 2014: 27). Ao caminhar com moradores e moradoras de Mituaçu, também é possível sermos surpreendidas pela delimitação dos terrenos de cada família por meio da referência a alguma árvore específica. Sabe-se quem a plantou e quando, como é o caso de uma jaqueira e um coqueiro fotografados e descritos por Aline Paixão e aqui desenhados.

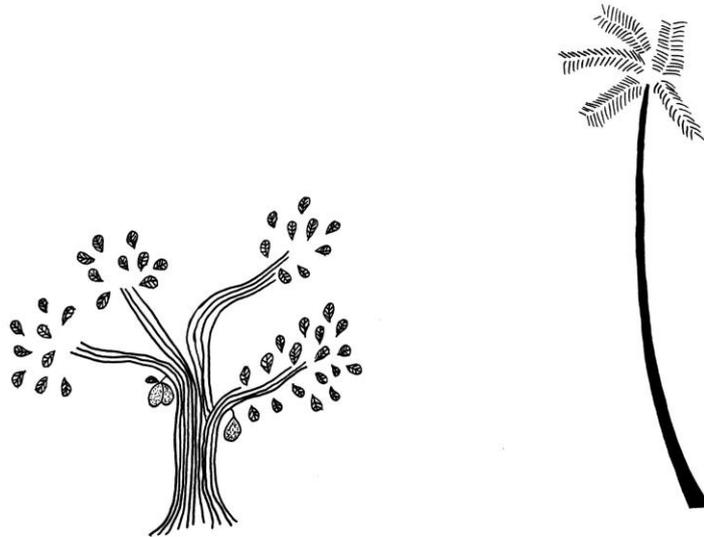


Imagem 9: Jaqueira e coqueiro. Desenho de Aina Azevedo, 2020.

A jaqueira, na ladeira do Sítio (parte mais alta de Mituaçu e ponto final da estrada), foi plantada há mais de 100 anos; o coqueiro, com mais de 30 metros, foi plantado há mais de 90 anos (Paixão, 2014)¹³. Para quem sabe observar a paisagem de Mituaçu, por meio daquela jaqueira e daquele coqueiro — um dos mais altos e antigos da região —, vê-se também a presença das pessoas e suas relações com o lugar.

Em seu desafio de compreensão da vida de seres que não falam e ademais, não andam, como os cogumelos, Tsing lança mão da observação da forma corporal, do que chama de “design não intencional” (Tsing, 2019: 133), que seres como fungos e plantas produzem na paisagem e que permitem conhecermos as relações ali presentes. Nosso desafio aqui busca se inspirar nas lições aprendidas com Tsing e que envolvem também as relações com as pessoas de Mituaçu. Podemos aprender a “história social” das árvores através da forma (Tsing, 2019: 147), distinguindo a idade de certos exemplares por meio de sua dimensão corporal inerte, ou reconhecendo um tempo mortal por meio da cor acinzentada das mangueiras devastadas por fungos. Com isso, nossa intenção é conectar as relações percebidas na paisagem à vida das pessoas.

¹³ A jaqueira foi plantada por Marigidea no quintal da casa que hoje pertence a Dona Marina. O coqueiro foi plantado por um antigo morador da comunidade (Paixão, 2014). Outra referência é um pau-brasil próximo da Casa de Farinha, no local denominado Sítio. Marccone, outro interlocutor, com cerca de 45 anos, apresenta-o com a mesma idade da árvore.

Plantas dos quintais e seus arredores

É assim que chegamos aos quintais que rodeiam as casas de Mituaçu e são repletos de plantas com diversas propriedades terapêuticas, capacidade de dar proteção e temperar os alimentos. Especialmente quando há uma mulher que conhece essas propriedades, encontramos essa relação de cultivo, como se as plantas fossem aliadas, companheiras desse mundo doméstico do cuidado, da alimentação e da proteção - apesar de não ser uma exclusividade das mulheres, como se pode apreender da referência a figuras como o Mestre Zé Pequeno (falecido em 2018) e seu Dedinho, importantes referências no manejo das plantas¹⁴. Entre doméstico e “selvagem”, vemos universos que se atravessam, por exemplo, no conhecimento sobre as plantas “do mato”, como a cebola de xém-xém. O cuidado oriundo do manejo das plantas, desse modo, não é algo inferior, mas tratado como um tesouro a ser valorizado.

Não por acaso, Haraway menciona a importância de se perceber as hortas cultivadas por descendentes de pessoas outrora escravizadas no Caribe: “Elas eram, é claro, para nutrimento e sobrevivência. Elas também eram para a beleza. (...) Elas eram lugares para o crescimento e florescimento parcial, resistência parcial.” (Franklin, 2017: 09 [Tradução nossa])¹⁵. Em outra oportunidade, a autora escreve:

Nutridas, mesmo nas circunstâncias mais adversas, as hortas de escravos não só forneceram comida humana fundamental, mas também refúgios para uma biodiversidade de plantas, animais, fungos e tipos de solos. As hortas de escravos são um mundo pouco explorado, especialmente em comparação com jardins botânicos imperiais, em termos de dispersão e propagação de uma miríade de seres. (Haraway, 2016b: 144)

¹⁴ No trabalho de Santos (2020), também integrante do projeto Histórias de Quilombo, a autora descreve uma conversa com Seu Dedinho, quando ele expõe seu receio com a universidade diante de experiências anteriores de falta de restituição de pesquisa. A autora, que em sua pesquisa analisa as práticas de saúde quilombola, também relata a importância dele na saúde da comunidade, acionado frequentemente para sanar diversas doenças com seus lambedores e ervas, incluindo as agentes comunitárias quilombolas que atuavam no posto de saúde local.

¹⁵ No original: “They were, of course, for food and survival. They were also for beauty. (...) They were places of growth and partial flourishing, partial resistance.” (Franklin, 2017: 09).



Imagem 10: O manuseio das plantas. Desenho de Elvis Silva do Nascimento, durante oficina na Escola Ovídio Tavares de Morais, 2018.

No quintal de Dona Maria Aparecida, aprendemos sobre a propriedade de diversas plantas, cujo conhecimento é amplamente difundido entre os grupos sociais que ocupam o litoral sul do estado da Paraíba¹⁶. Dentre essas plantas, destacamos aqui aquelas conhecidas por protegerem as pessoas, a exemplo da arruda e do pião roxo — que espantam os maus fluidos — e da espada de São Jorge e da comigo-ninguém-pode — que protegem contra o mau-olhado e ainda enfeitam (Paixão, 2014: 51).

Aprendemos também com reações que vão desde silêncios até a jocosidade, quando, por exemplo, somos questionadas, em tom de brincadeira, sobre a tal “Patologia” [Antropologia], que “só faz perguntar para o povo”... Ou ainda, quando conversávamos com Dona Maria sobre o pião roxo e seus usos no benzimento:

Aline: Ela serve pra que mesmo?

Dona Maria Aparecida: Eu não sei não, só pra curar. (...)

Thayonara: Minha avó rezava com essa aí também, com um raminho de pião.

Patrícia: Usa pra rezar, isso?

¹⁶ Entre elas estão as Comunidades Quilombolas de Ipiranga e Gurugi, ambas localizadas no município de Conde, e aldeias indígenas Tabajara presentes nos municípios de Conde, Pitumbu e Alhandra.

Dona Maria Aparecida: É.
Patrícia: Como é que faz?
Dona Maria Aparecida: Eu te benzo, eu te curo, amanhã tu... [risos]
Thayonara: Amanhã tu caga duro [risos]
Dona Maria Aparecida: Ó professora, tu não se importa não com as minhas doidices não. [risos]
(entrevista com Dona Maria, 2018)



Imagem 11: Pião roxo. Desenho de Patrícia Pinheiro, 2020.

Dentro de uma complexa tessitura de significados que incluem eventos históricos, convivências e mudanças, as práticas de cura física ou espiritual fazem parte de uma longa trajetória de conhecimentos quilombolas. Em uma relação imbricada, usos de plantas medicinais, alimentícias e de cura também cumprem o papel de guardar, enquanto memória do território, o manejo terapêutico de saberes diante das mais diversas mazelas – que percorrem enfermidades como indigestão, *sapinho*, gripes e resfriados, *mau olhado*, *espinhela caída* ou outras – e a própria resistência criativa a imposições externas.

Além dessas plantas, a mirra também é conhecida em Mituaçu por oferecer proteção e ainda indica relações de afeto e parentesco que passam a ser percebidas na paisagem por meio de sua presença. Dona Maria Aparecida, por exemplo, deu um pé de mirra para cada um dos seus filhos que vivem em casas próximas a sua. Por meio da presença da mirra, é possível observar sua família se estendendo nos quintais das casas em que ela cresce. Por outro lado, quando Dona Maria presenteou duas integrantes do nosso projeto, as plantas não sobreviveram. Pensamos: será que a atuação protetiva de Dona Maria por meio da mirra percorre outros caminhos que não os nossos?

MIRRA

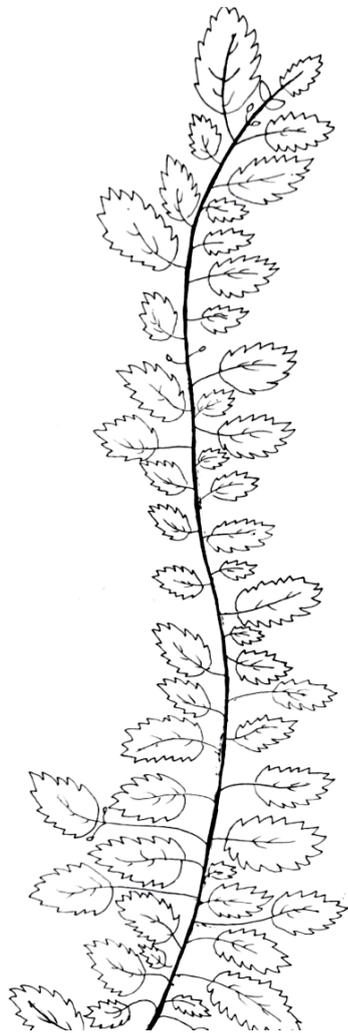


Imagem 12: O pé de mirra de Dona Maria. Desenho de Thayonara Santos, 2018.

Aprendemos também que, algumas vezes, as propriedades de certas plantas parecem ter sido conhecidas pelas pessoas por meio das ações dos animais, como é o caso da cebola de xém-xém, que tem poderes medicinais e é encontrada no mato. Seu reconhecimento na paisagem torna-se mais fácil quando suas flores de tom rosa aparecem e ela se destaca entre outras plantas. A cebola de xém-xém tem suas propriedades curativas associadas a uma batalha que, certa vez, o teju-açu (uma espécie de lagarto) enfrentou contra uma cobra. Nessa luta desigual, quando o teju-açu foi picado, correu para o mato em busca da cebola de xém-xém, que serviu como antídoto ao veneno da cobra. Aparentemente, o teju-açu fez isso várias vezes, até sair vitorioso.



Imagem 13: Cebola de xém-xém. Desenho de Elayne Felix, 2019.



Imagem 14: Teju-açu, cebola de xém-xém e a cobra. Desenho de Aina Azevedo, 2020.

Outra das plantas do mato, que nasce espontaneamente nas beiras de estradas de Mituaçu é o melão-de-são-caetano, usado, segundo outro importante interlocutor da comunidade, Seu Sebastião Borba, “para o sangue, para tudo. Faz o comercial aí. O óleo, o sumo, e várias coisas” (comunicação audiovisual, 2017).



Imagem 15: Melão de São Caetano. Desenho de Patrícia Pinheiro, 2020.

Essas histórias nos mostram que as plantas protegem, curam e alimentam. Muitas mulheres aparecem como protagonistas na domesticação, cuidado e na relação com plantas que, por sua vez, se tornam aliadas, companheiras de fazer comida, de cuidar das doenças e embelezar os quintais. Dona Beré e Dona Maria Aparecida nos apresentaram plantas de uso tradicional e seus contextos: das propriedades e potenciais de cura de cada uma às suas recordações afetivas sobre o manuseio e cuidado terapêutico de seus familiares e conhecidos.

Destacam-se por sua diversidade cultural e biológica, assim como pela atuação de cuidado, que implica relações de codependência multiespécie e respeito à pluralidade da manifestação dos seres. Ou, poderíamos dizer, com o *comum*, com a conformação de vínculos comunitários como qualidade de relações – “um princípio de cooperação e responsabilidade: uns com os outros, com a terra, as florestas, os mares, os animais” (Federici, 2019: 318).

No desenho a seguir, feito pela professora Nyanne de França Vidal, da escola Ovídio Tavares de Moraes em uma das oficinas com seus alunos do 5º ano, algumas expressões e expectativas sobre o comum em Mituaçu são delineadas.

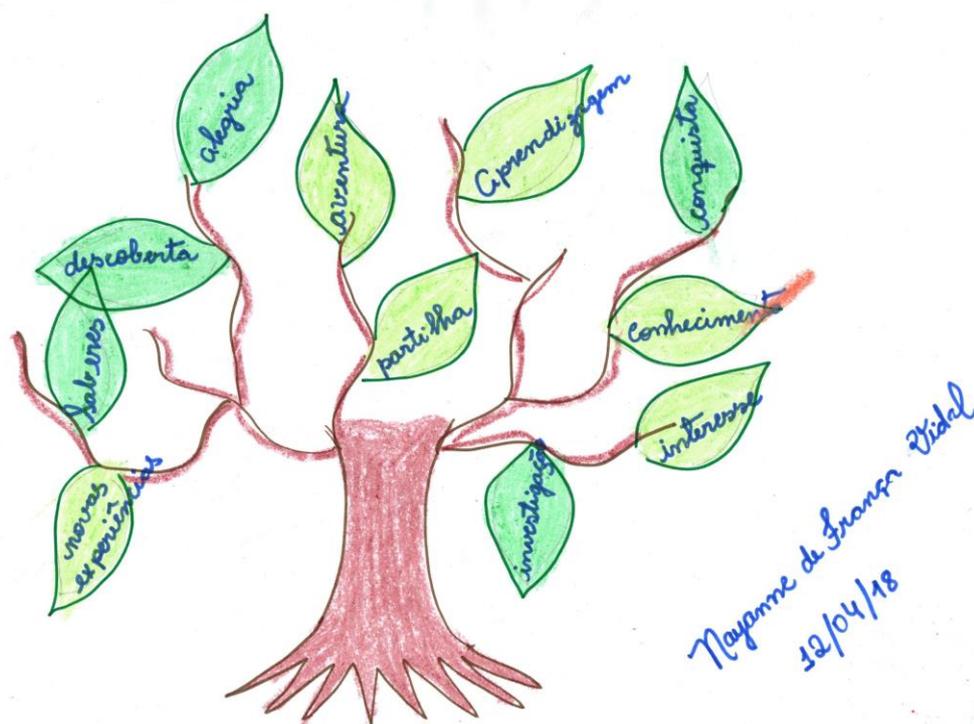


Imagem 17. Árvore de palavras. Desenho de Nayanne de França Vidal, 2018.

Por outro lado, as histórias de crime ambiental e devastação fúngica, indicam que as plantas, a terra e as águas também precisam de proteção e cuidado, assim como os animais. Além de todas as atividades respeitosas de pesca e agricultura nas quais se engajam as pessoas de Mituaçu, promovendo a diversidade e a convivência multiespécies, existem igualmente ações de cuidado e respeito feitas a partir de um cosmos: como o gesto respeitoso de acordar a água à noite quando for bebê-la, como se ela estivesse dormindo (Paixão, 2014: 51). E a existência de entidades, como Comadre Florzinha e o Pai do Mangue, que podem causar danos ou provocar um dia de pesca ruim àqueles que desrespeitam as plantas, os animais, os manguezais, a terra e as águas.

O Pai do Mangue parece ser uma entidade pouco visível, mas que deixa-se emitir o forte som de pedadas por onde passa. Alguém que você não vê, mas sente que está próximo. Maior que uma pessoa comum, dizem que é um velho que usa um chapelão trançado de palha. Pode ser um canoieiro ou um cavaleiro. Conta-se que no Porto das Pedras, em Mituaçu, um homem muito sujo subia o rio e pedia sabão às lavadeiras, depois retornava com a roupa bem alva. Algumas pessoas associavam esse homem ao Pai do Mangue, outras não. Durante a noite,

dizem que ele anda com um facho de fogo e quando aparece, a pesca dá errado (Paixão, 2014: 52-53).

Já Comadre Florzinha é descrita como uma menina de dois anos de idade com traços indígenas, muito bonita, de cabelo liso e trançado. Dizem que quando ela é avistada em seu cavalo, o caminho pelo qual passou fica inteiro uma trança. Aqueles que violam os espaços que ela está protegendo são punidos, por isso, alguns passavam alho nos cachorros para que sua presença fosse disfarçada e não sentida por Comadre Florzinha. Comadre Florzinha também tem a capacidade de confundir as pessoas por meio do assobio (Paixão, 2014: 52).

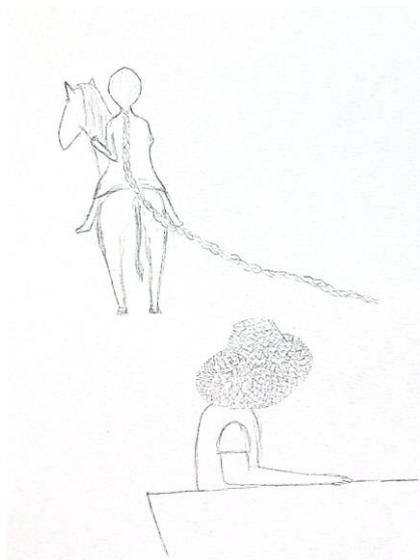


Imagem 16: Comadre Florzinha e o Pai do Manguê. Desenho de Aina Azevedo, 2020.

Coleção de histórias e de plantas

Os complexos conhecimentos desenvolvidos nos territórios quilombolas, frequentemente invisibilizados e alvo de racismo, não se resumem a interpretar a natureza ou observar os símbolos que daí se depreendem no cotidiano, mas a viver e conviver em um determinado ambiente em movimento. Sendo assim, a construção desta coleção etnobotânica de plantas de Mituaçu, aqui retratada em alguns de seus desenhos, tem possibilitado visualizar processos, ressignificações e adaptações que nossas interlocutoras quilombolas têm vivenciado em seus territórios por meio da constante descoberta de recursos criativos que se relacionam a suas trajetórias, técnicas e memórias.

A partir da companhia do caranguejo metodológico, foi possível passear por Mituaçu e retomar a coleção etnobotânica sem o intuito de listar e classificar as espécies, e sim de contar histórias e falar de suas relações. O caranguejo é de fato muito importante para a comunidade e para nós surgiu como uma metáfora do bem viver, por tratar-se de um animal supostamente não domesticado que transita entre o rio-mangue-roça, evidenciando, entretanto, a necessidade de boas condições para sua existência, tais como a não poluição do rio, o respeito ao período de defeso e a sua presença nas roças. O caranguejo e suas patas de relações abraçam a interdependência entre as espécies e, por uma certa analogia, revelam as variadas teias nas quais as pessoas em Mituaçu também se enredaram: plantas medicinais, temperos, plantas alimentares, animais domésticos como cães, galinhas, porcos e outros animais dos quais se alimentam ou com os quais convivem, como peixes, jacarés, capivaras e os próprios caranguejos¹⁷.



Referências bibliográficas

AZEVEDO, Aina. Um convite à antropologia desenhada. *METAgraphias*, v. 1, n. 1, p. 194-208, 2016.

AZEVEDO, Aina, PAIXÃO, Aline Maria Pinto da; PINHEIRO, Patrícia dos Santos. “Diários de extensão em tempos de exceção: o projeto História de Quilombo na pandemia”. In: *Ciências Sociais em debate: crise e crítica social em tempos da covid-19*. João Pessoa: Editora UFPB, no prelo, p. 239-254.

AZEVEDO et al. Convivendo no Quilombo de Mituaçu, *Exposição virtual Antropoéticas*, 2020. Disponível em <https://www.antropoeticas.com>. Acesso em 24/07/2021.

BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago, The University of Chicago Press, 2000 [1972].

FEDERICI, Silvia. *Re-enchanting the World: Feminism and the Politics of the Commons*. PM Press, 2019.

¹⁷ Sobre o “excepcionalismo humano” e a “interdependência entre as espécies” ver Tsing, 2015: 183-184.

FRANKLIN, Sarah. Staying with the Manifesto: An Interview with Donna Haraway. *Theory, Culture & Society*, p. 1-15, 2017.

HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham e Londres, Duke University Press, 2016a.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica*. Ano 3, n. 5, p. 139-146, 2016b.

LAVE, Jane. Aprendizagem como/na prática. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

MERIAN, Maria Sibylla. *Metamorphosis insectorum surinamensium*. Ofte verandering der Surinaamsche insecten. Amsterdam, Voor den auteur, als ook by G. Valck, 1705. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.63607>

PAIXÃO, Aline Maria Pinto da. “*Aqui todo mundo é parente*”: dinâmica territorial, organização social e identidade entre os quilombolas de Mituaçu, PB. (Monografia) Rio Tinto: [s.n.], 2014.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos. Plantas que têm história: Mituaçu. São Leopoldo, Casa Leiria, 2022, 42 p.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos e PAIXÃO, Aline Maria Pinto da. Quando a desterritorialização vem do rio: a poluição do rio Gramame na comunidade quilombola de Mituaçu, PB. *Vivência (UFRN)*, v. 1, n. 43, p. 15-34, 2019.

ROSE, Debora Bird. “What If the Angel of History Were a Dog?” In: *Wild dog dreaming: Love and extinction*. Charlottesville & London, University of Virginia Press, 2011, p. 81-96.

SANTOS, Thayonara Marina. “*A qualidade somos nós*”: Considerações sobre cuidado na atuação das Agentes Comunitárias de Saúde em Mituaçu, Conde - PB. Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/IqtID>.

SILVEIRA, Pedro Castelo Branco; BUTI, Rafael Palermo. A vida e a morte dos guaiamuns: antropologia nos limites dos manguezais, *Anuário Antropológico* [Online], v. 45, n. 1, p. 117-148, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/4945>.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha*. Florianópolis.

v. 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília, IEB mil folhas, 2019.